

Esmeralda Ribeiro, uma história de luta e sobrevivência afrocentrada

Luciene Alves Silva França* e Silvana Veríssimo**

Resumo:

No presente artigo apresentamos a história de vida e luta de Esmeralda Ribeiro e o seu desejo de conscientizar jovens estudantes, por meio de poemas, sobre a existência e permanência do racismo na sociedade brasileira e sobre como é ser negra/negro no Brasil. Nosso percurso nos conduziu a conhecer a inserção da intelectual negra nos *Cadernos Negros*. Militante da luta do movimento negro, fez das atividades antirracistas parte de sua escrita que, por sua vez, é também uma das suas armas de enfrentamento ao racismo institucional latente que ainda persiste no Brasil.

Palavras-chave: Esmeralda Ribeiro; *Cadernos Negros*; literatura negra; luta antirracista.

Esmeralda Ribeiro, an Afro-centered story of struggle and survival

Abstract:

In this article we present the life story and struggle of Esmeralda Ribeiro and her desire to raise awareness among young students, through poems, about the existence and permanence of racism in Brazilian society and about what it is like to be black in Brazil. Our journey led us to discover the insertion of black intellectuals in *Cadernos Negros*. A militant in the struggle of the black movement, he made anti-racist activities part of his writing which, in turn, is also one of his weapons for confronting the latent institutional racism that still persists in Brazil.

Keywords: Esmeralda Ribeiro; *Cadernos Negros*; black literature; anti-racist struggle.

* Mestranda do Programa de pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA, Brasil. End. eletrônico: francalu34@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8101-9041>

** Pós-graduada (latu sensu) em Educação em Direitos Humanos; pesquisadora do projeto Intelectuais Negras Brasileiras pela Universidade Federal de São Paulo, Santos-SP, Brasil. End. eletrônico: sil315@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2157-3665>

Introdução: fragmentos de uma escrita como ato de vida

Naufraçam fragmentos de mim na coca
mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo...
Esmeralda Ribeiro (1994)

Esmeralda Ribeiro tem uma história de vida e de luta marcada pelo desejo de conscientizar jovens estudantes. Fez de seus poemas sua principal ferramenta tanto para falar da existência e da permanência do racismo na sociedade brasileira como para a tomada de consciência sobre o que é ser negra e negro no Brasil.

A escritora talentosa nasceu na cidade de São Paulo no dia 24 de outubro de 1958. Na adolescência deu seus primeiros passos rumo ao movimento negro, participando de atividades antirracistas. Naquele momento começou a escrever por acreditar que por meio da literatura negra é possível contribuir para a autoestima da população negra e, no mesmo processo, fazer da arte da escrita uma de suas armas de enfrentamento ao racismo institucional. Sua trajetória como jornalista foi marcada por muitas dificuldades, pois não tinha bolsa de estudos e precisou trabalhar em dois turnos para poder custear a faculdade. Era a única mulher negra de sua sala de aula. E mesmo sabendo que o mercado de trabalho não contratava mulheres negras para o jornalismo impresso e nem televisivo, não se abateu. Ao contrário, seguiu em frente, concluiu seus estudos e fez do manuseio das letras a pulsação de sua vida. Em entrevista concedida a Grazielle Frederico, Lúcia Tormin Mollo e Paula Queiroz Dutra (2017) enfatizou que tem com a literatura uma relação de amor.

Escrever é um ato de vida. É o ponto de equilíbrio de saúde mental e intelectual. Incorporação literária, que contém ancestralidade, realidade, ficção, premonição. Uma relação de ativista. (...) Escrevo para ver a vida de forma positiva. O “não” que me acompanha no meu dia a dia não me assusta. O “não” para mim é algo a superar. Também entre os muitos “nãos” sempre tem os “sins” gratificantes e duradouros (Frederico et al., 2017, p. 276).

Cadernos Negros foi, portanto, um divisor de águas na vida da autora, que deu a partir dali um grande salto despretensioso. Até então, Esmeralda Ribeiro não tinha ainda uma consciência racial. O contato com os idealizadores e escritores de *Cadernos Negros* foi o pontapé inicial à compreensão do racismo, tendo como marco inaugural de sua carreira na literatura o ano de 1982, quando publicou quatro poemas no periódico. E começou assim:

Me sinto como um ébano que resiste a todas as pressões deste mundo branco, tentando me burlar das coisas que tenho direito

ou faço ter direito. Procuro, juntamente com todos os negros presentes neste livro, a oportunidade de expressar de todas as formas com o uso do jogo das palavras um espaço conquistado com muita labuta, por profissionais liberais ou não, mas tendo o objetivo de mostrar que o negro saiu ou está saindo do fundo do quintal para sentar na sala de estar. (Ribeiro, 1982, p. 20).

Aos poucos, ela foi se tornando ativista, escritora e coordenadora do caderno literário, que surgiu como continuidade do *Geração Quilombhoje*. Esta, por sua vez, era o resultado das ações de um grupo de jovens negros e negras que produziam literatura e decidiram se reunir em 1978 no Centro de Cultura e Arte Negra, em São Paulo, para criar uma publicação em que pudessem expor sua arte. Dois anos depois, em 1980, nascia o coletivo *Quilombhoje*, idealizado por Cuti (Luiz Silva), Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues, grandes referências da cultura negra, com o objetivo de aprofundar os estudos sobre a literatura afro-brasileira, além de incentivar o hábito pela leitura, difundindo conhecimentos e informações, desenvolvendo e incentivando estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra. O grupo então assumiu a publicação dos *Cadernos Negros*.

Publicados ininterruptamente desde 1978, os *Cadernos Negros* representam a antologia de literatura afro-brasileira de vida mais longa, constituindo-se em um dos principais veículos que têm contribuído para a inclusão da vertente afro na literatura brasileira, especialmente por reunir escritores de diferentes gerações e de diversas partes do Brasil [...] seu maior mérito é dar visibilidade a textos que têm ajudado a lançar luz sobre a realidade brasileira, colocando a população negra como protagonista de seus versos e histórias [...] e possui participação feminina desde seus primeiros números (Pereira, 2016, p. 57).

Cadernos Negros é a arte engajada, cuja divulgação era feita nos bailes funks, com panfletagem, com informações nos muros das regiões periféricas de São Paulo, onde habitava e habita predominantemente a população preta, assídua frequentadora desses bailes, muito comuns nas décadas de 1980 e 1990. Outro meio de divulgação do caderno literário era o envio de cartas para seus/suas leitores e leitoras, o que contribuiu para ampliar o alcance dos textos e, logo, também possibilitou uma maior conscientização da luta de enfrentamento ao racismo.

Por uma escrita feminina negra

Sou forte, sou guerreira,
tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
mesmo que haja versos assimétricos,
mesmo que rabisquem, às vezes,
a poesia do meu ser,
mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
"Nunca me verás caído ao chão".
Esmeralda Ribeiro (2004)

Como vimos, Esmeralda Ribeiro na adolescência ingressou nos movimentos negros, mas sua relação com a literatura deu-se aos 24 anos ao escrever para os *Cadernos Negros*. Quando relatou, em entrevista publicada nos *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, que sua relação com a literatura é um ato de amor sem grudes, sem dormir na mesma cama e nem da fama, enfatizou que esta relação rola quando precisa, pois a literatura é sua amiga (Frederico et al., 2017). Mas é também sua inimiga. Ribeiro não hesita em dizer que há cobranças, especialmente porque seus “padrões literários não se encaixam no padrão estético de ser uma escritora” (Frederico et al., 2017, p. 276).

Ao dizer isso, Esmeralda nos remete para uma dimensão não muito distante da vivência acadêmica, pois nos faz lembrar também dos escritos de Lélia Gonzalez (2020), quando esta dizia que o “lixo” ia falar, pois no universo acadêmico europeu rebuscado, a escrita espontânea, o “pretuguês” não é bem-vindo e nem bem visto: “nós negros estamos na lata do lixo da sociedade brasileira, pois assim determina a lógica da dominação” (Gonzalez, 2020, p. 77). Para esta autora, era preciso assumir o risco da fala com todas as suas implicações. Esmeralda Ribeiro assumiu este risco desde muito cedo e, para ela, escrever continua sendo um ato de vida. Num diálogo silencioso com outra autora negra, Beatriz Nascimento (2021), a escrita se transforma na possibilidade de uma história contada por mãos negras.

Ser escritora afro-brasileira é ter a possibilidade de recontar sua própria história, utilizando a nossa própria forma de expressão. Ter a possibilidade de ser o diretor, roteirista, ator, atriz, produtores musicais das trilhas sonoras que conduzem as nossas vidas (Ribeiro, 2022).

Os escritos de Ribeiro retratam a importância da mulher negra na literatura, uma vez que traz em seus poemas experiências vivenciadas de diferentes tipos de discriminação, invisibilidade da figura feminina e do que o corpo negro representa no imaginário coletivo. Um corpo negado a todo momento, mas visto quando precisa pagar impostos, visto nas batidas policiais, visto e temido na rua deserta. A violência do racismo não a derruba e, como no poema da Maya Angelou, ainda assim, ela se levanta:

Você pode me marcar na história,
 Com suas mentiras amargas e distorcidas,
 Você pode me esmagar na própria terra,
 Mas ainda assim, como poeira, eu vou me levantar.
 (...)

Você pode me fuzilar com suas palavras,
 Você pode me cortar com seus olhos,
 Você pode me cortar com seu ódio,
 Mas ainda assim, como poeira, eu vou me levantar.
 (...)

Saindo das cabanas da vergonha da história
 Eu me levanto
 De um passado enraizado na dor
 Eu me levanto
 (...)

Abandonando as noites de terror e medo
 Eu me levanto
 Para um amanhecer maravilhosamente claro
 Eu me levanto
 Trazendo as dádivas que meus ancestrais me deram,
 Eu sou o sonho e a esperança dos escravos.
 Eu me levanto
 Eu me levanto
 Eu me levanto.
 Maya Angelou (2020, p. 175-176)

Esmeralda Ribeiro nos dá esse fôlego, esse solfejo de ainda assim nos levantarmos. Mesmo que os corpos negros sejam rechaçados a todo tempo, principalmente o corpo negro feminino que, além de sofrer o racismo de cada dia, também tem que enfrentar o machismo, o sexismo, a hipersexualidade, o menosprezo intelectual e moral, ainda assim é preciso se levantar. Ribeiro traz em seu corpo uma potência discursiva, que problematiza e desnaturaliza os modos de representação hegemônica. Seu corpo de mulher negra apresenta outro e desconhecido repertório cultural, um repertório de memórias e histórias, herança dos seus ancestrais.

Sou da labuta, sou de luta, herança dos ancestrais,
 trabalhar, trabalhar, trabalhar,
 mesmo que nos novos tempos irmãos seduzidos
 pelo sucesso vil me traíam, nos traíam como judas
 sob a mesa, meu ganha-pão.
 Mesmo que esses irmãos finjam que não nos veem,
 estarei ali ou onde estiver, estarei de corpo ereto, inteira,
 pronunciando versos e eles versando sobre o poder,
 mesmo assim tenho esse mantra em meu coração:
 “Nunca me verás caída ao chão”.
 Esmeralda Ribeiro (2004)

Ao falar do repertório cultural desconhecido, vem à tona o perigo da história única, como bem retrata a autora Chimamanda Adichie (2009), o perigo de apenas contarmos ou reproduzirmos essa história que nos foi contada apenas pela visão unilateral europeia. À guisa do pensamento de Molefi Kete Asante (2016), há uma necessidade de orientação afrocêntrica, ou seja, assegurar o papel central do sujeito africano dentro do contexto histórico africano, por conseguinte, removendo a Europa do centro da realidade africana. A partir do momento que o povo negro tiver o seu ponto de vista, a sua própria história como centro, nos veremos como atrizes/atores, agentes e participantes, ao invés de marginalizadas/marginalizados na periferia da esfera sócio-política ou econômica.

Mas, diante da vítrea lâmina do espelho, vou refazendo em mim o que é belo [...] vou determinando meus passos para sair dos porões tem fragmentos no feminismo procurando meu próprio olhar, mas vou seguindo com a certeza de sem ser mulher (Ribeiro, 1994, p. 64).

Contar a história por outro viés, transgredindo como o corpo negro é visto, transformando esse corpo num agente potencializador de mudanças, num sujeito coletivo trazendo consigo uma força e tradição ancestral de luta e resistência feminina (Sales, 2015). Esmeralda em seus poemas traduz essa transgressão e a herança ancestral que faz do corpo negro feminino um legado de muitas vivências e escrevivências. E como ela mesma diz: “A escrita é algo vivo e como tal bebo na fonte de escritores ancestrais e também de autores/as, pensadores/as contemporâneos/as” (Frederico et al., 2017, p. 280).

Sou guerreira como Luiza Mahin,
Sou inteligente como Lélia Gonzáles,
Sou entusiasta como Carolina Maria de Jesus,
Sou contemporânea como Firmina dos Reis
Sou herança de tantas outras ancestrais.
E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,
mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,
mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça
mesmo assim tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verá caída ao chão”.
Esmeralda Ribeiro (2004)

Por meio de suas poesias e poemas, a autora consegue falar sobre a *solidão* e a dor das mulheres negras. A escrita de Esmeralda Ribeiro retrata essa dor de viver em um país racista, que insiste em empurrar as mulheres negras a um lugar de invisibilidade. Todavia, Esmeralda Ribeiro repõe em sua escrita a força dessas mulheres perante a realidade e, num mesmo processo circular, é a sua própria escrita que ganha força na sua experiência feminina negra. E assume para si a tarefa de “divulgar e incentivar uma maior participação da mulher negra na literatura,

defendendo que as escritoras devem invadir o espaço da produção literária afro-brasileira” (Pereira, 2016, p. 133).

O traço forte da escrita de Esmeralda, conduz as corpas e corpos negros a patamares de excelência, conseguindo transcender a ancestralidade através de suas palavras. A escritora preta, como ela se autodeclara, coloca em sua poesia o enfrentamento cotidiano das insalubridades de uma sociedade de mente colonizada, que olha para as pessoas negras como servis, incapazes de inteligência e de ascender socialmente. Com sua escrita, desmonta de forma crítica esse lugar, que já é pressuposto para as pessoas negras. Na contramão da sociedade racista que pretende amordaçar e humilhar, Ribeiro fala às pessoas negras, em especial às mulheres negras, que elas podem ser o que quiserem, sem precisar pedir permissão a ninguém.

Sálùbá

Nanã Buruku

Divindade do povo Ashanti

embala com dignidade

àqueles de tez escura

jogados em qualquer vala dura

na lua sua banhe com altivez os corpos

daqueles sem rosto na multidão.

Esmeralda Ribeiro (2006)

A autora, em sua escrita, contesta esse lugar e muda formas de pensamentos. Por ser uma mulher negra, observou e sentiu várias formas de se expressar perante a realidade violenta à qual a comunidade negra brasileira foi empurrada. Abordar essa realidade é também falar sobre si, sobre sua realidade de mulher negra e, deste processo em espiral, ela própria vai se tornando uma intelectual insurgente, que percebe a necessidade de não apenas conscientizar as pessoas sobre a gravidade do racismo no Brasil, como também de levar essa pauta aos ambientes acadêmicos. Tarefa nada fácil ante a resistência que esta temática ainda provoca. As instituições de ensino superior no Brasil resistem em admitir que são racistas e excludentes, que discriminam escritoras negras e escritores negros e que preferem manter nas matrizes curriculares de seus cursos apenas escritores de origem europeia, invisibilizando a produção de escrita negra.

As dificuldades oriundas desta barreira acadêmica são muitas e a autora precisa recorrer a inúmeras estratégias para driblar essa realidade e fazer com que *Cadernos Negros* continue a publicar suas edições, chegando em 2022, aos 44 anos de produção de literatura negra. Apesar das adversidades, o veículo de expressão literária não parou de circular. O esforço e o compromisso de Esmeralda Ribeiro com os ideais antirracistas podem ser observados nos mais de quarenta volumes lançados, com algumas edições traduzidas em mais de dez países. Todavia, infelizmente *Cadernos Negros* permanece pouco conhecido e referenciado pela

academia brasileira. Ribeiro sabe bem o motivo pelo qual essa obra pioneira de literatura negra é ignorada. O racismo institucional persistente nos espaços universitários em pleno século XXI e segue ignorando os debates sobre relações étnico-raciais que pululam em todos os poros da sociedade. A insistência num olhar eurocêntrico sobre o mundo impede a academia brasileira de olhar para a produção literária negra como uma obra rica e merecedora de estar nas matrizes curriculares das instituições de ensino superior do país.

Combater esta lógica de dominação, que impõe um paradigma único, sempre fez parte das estratégias das escritoras negras e escritores negros para trazer à luz sua cultura insistentemente apagada, silenciada em benefício de uma espécie de monocultura do saber (Silva, 2014). *Cadernos Negros* adota, portanto, uma postura contra hegemônica ao “dar voz à cultura negra a partir do olhar dos sujeitos cotidianamente imersos em sua vivência, e ao transpor em exaustão o modo de vida negro ao olhar dos seus, no sentido de sua autoaceitação e asserção, e ao olhar, também, do Outro, retirando da invisibilidade os resultados da própria interferência regulatória e discriminante deste último” (Silva, 2014, p. 61-62). Nesta perspectiva, Esmeralda Ribeiro, há mais de vinte anos à frente da produção de *Cadernos Negros*, desafia incessantemente os padrões culturais literários. Mulher preta escritora?

Tenho cem razões entre mil para querer ser feliz.

A criação me pega, me abraça e beija minha testa. Daí um frenesi me domina. Quando passa a explosão, rasgo páginas, xingo, dou porrada, me desquito de vez da palavra. Mas, no entanto, a criação vem como paixão bem nutrida, me pega, me abraça e beija minha testa.

Tenho cem razões entre mil, para querer ser feliz.

Ligo a tv para me encher de ilusões e viro super-homem limpando janelas. Viro mulher maravilha, mas meus sonhos acabam, quando alguém grita do reino encantado: Epa! Super-herói preto aqui não entra.

A gente vale tantos milhões de dólares que até nos deixam morrer de fome.

Todos os dias em ponto, o click do relógio fotografa-me como o padrão de operária.

Almoço cheesburger com molho burguês, batata frita e arrote indigestão.

Não sinto vontade nenhuma de tomar água, me encho de palavras.

Tenho cem razões entre mil para querer ser feliz.

(*Cadernos Negros*, n. 11, p. 30)

Corpa negra pensante, que fala através da escrita, Esmeralda Ribeiro está entre as dez escritoras negras que compõem a coletânea de contos *Olhos de Azeviche* (Lisboa et al., 2017), onde enfatiza a sua luta, ressignifica seu lugar no e para o mundo, refaz a sua perspectiva e, principalmente, determina que o mercado literário brasileiro precisa olhar e respeitar mais as escritoras negras, oriundas de várias

realidades, escrevivências, subjetividades, histórias de vidas e superações, que contribuem de diversas formas para a consolidação literária feminina e negra brasileira. A forma contundente com que defende o lugar da mulher negra na literatura a aproxima de Conceição Evaristo (2005), em especial quando esta enfatiza que se há uma literatura que invisibiliza as mulheres negras, há outra da qual faz parte Esmeralda Ribeiro, “que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura” (Evaristo, 2005, p. 54). As escritoras negras buscam outras formas de inscrever na literatura uma outra representação das mulheres negras e, logo, de si mesma.

Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (Evaristo, 2005, p. 54).

Ao longo de sua trajetória de escritora, Esmeralda Ribeiro também se dedicou a abordar a afetividade da mulher negra, sua solidão, suas lutas internas, preconceitos enfrentados, o desafio de ser uma mulher preta em uma sociedade racista, machista e patriarcal, e faz uma crítica através de suas escritas, evidenciando essas situações no cotidiano. As mulheres negras brasileiras crescem sob o estereótipo de não serem bonitas, sob a ótica negativa a respeito de seus cabelos, de seus lábios e seus corpos são hipersexualizados. Ribeiro contesta essa opinião marcada pelo racismo e pelo sexismo. Sua escrita propõe a quebra de paradigmas e a desconstrução coletiva desses estereótipos.

À guisa de conclusão: preparando novas gerações

Uma das preocupações presentes ao longo da trajetória de Esmeralda Ribeiro é a continuidade no trabalho de conscientizar sobre o racismo e de dialogar com as novas gerações a respeito da importância da escrita, sobretudo da escrita feminina negra. Com esta perspectiva, a autora tem sido incansável em suas ações. Ao lado de Márcio Barbosa, assumiu a direção dos *Cadernos Negros* e mantém sua publicação ininterrupta, além de possibilitar a inserção do periódico em outros países. Como tarefa pessoal, seu trabalho tem priorizado cada vez mais o incentivo à escrita feminina negra. Em entrevista a Livia Lima (2022), Ribeiro enfatiza que:

Essa movimentação tem 45 anos, de trazer mais mulheres negras para que escrevessem, publicassem, trouxessem seus textos, seu corpo, o que elas pensavam. Os homens negros

falavam da gente, mas a gente queria falar por nós. Esse momento, de escrever e falar da gente, dos nossos sentimentos, das nossas emoções, nossas relações afetivas, isso é importante (Lima, 2022, s.p.).

Com a visão de que é preciso garantir o futuro da luta antirracista, ao lado de outras escritoras negras de gerações distintas, como Benedita Lopes, Marli Aguiar, Catita, Claudia Walleska, Mari Vieira, Joice Aziza e Samira Calais, a autora participou ativamente da criação do *Coletivo Flores de Baobá*, que em dezembro de 2022 completou quatro anos. As oito escritoras negras se encontraram pela primeira vez em um dos lançamentos dos *Cadernos Negros*, em 2018, e reconheceram a necessidade de falar coletivamente sobre as suas verdades como mulheres pretas escritoras. A partir de sua atuação no estado de São Paulo, *Flores do Baobá* foi crescendo e se tornando cada vez mais forte, chegando a outros estados da federação e fortalecendo sua identidade e ideia original, que é dar apoio à escrita negra feminina. Uma preocupação que vem desde “os primeiros volumes da coletânea *Cadernos Negros*, no final da década de 1970, as mulheres negras e sua escrita possuem espaço consistente e suas presenças foram se tornando cada vez mais constantes com o decorrer dos anos” (Martins Cavalcanti, 2019, p. 62).

O trabalho incessante de Esmeralda Ribeiro a atualiza constantemente. A formação do *Flores de Baobá* é a expressão mais fiel de sua agilidade, que vai de suas publicações individuais à ampla divulgação nas redes sociais tanto da criação coletiva como da contribuição literária de cada uma de suas integrantes e, como o futuro está logo ali, planejam o lançamento de um livro com todas as escritas produzidas por elas.

Esmeralda Ribeiro, após todos esses anos de dedicação, não perdeu a generosidade. Ao contrário, como parte de uma geração de mulheres pretas escritoras que enfrentaram muitas dificuldades e tiveram de romper barreiras, ela se propõe a ajudar outras escritoras negras a se firmarem e terem seu espaço dentro do campo literário, contribuindo dessa forma para que a escrita feminina negra ganhe cada vez mais visibilidade.

Essa movimentação que busca a valorização da escrita negra feminina demonstra o quanto as mulheres pretas ainda são apagadas na cena literária. Quando elas se juntam, se organizam e se reconhecem como mulheres pretas, fortalecem laços ancestrais, de sobrevivência, em que mulheres pretas jamais andam sozinhas. O cultivo de onde germinam cotidianamente mais e mais mulheres pretas escritoras é a base para fazermos Palmares de novo.

Serão sempre as terras do Senhor?

É invasão
quando gente do campo
planta o espírito de Palmares
e dá vazão ao desejo de criar

um Quilombo
e trabalhar com seus pares?
É invasão
se as terras do Senhor
cobrem-se de mato
enquanto olhares à espreita
esperam que uma estrela
traga-lhes justiça e
desfaça o temor?
É invasão
quando em Luiza Mahin
outra mulher se transforma
pra acabar com a dor
de ser tratada como
coisa-ruim?
É invasão
o homem
finçar os pés na terra, pois
será a própria Terra que
vai devorá-lo como
um João-ninguém?
Um dia, quem sabe,
depois dos 300, 400, 1000 anos de Palmares
gestaremos novos Zumbis, Acotirenes
para redesenhar
a Nação
e talvez do rubro solo
verdes frutos surgirão.
Esmeralda Ribeiro (1994, p. 20-21).

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ANGELOU, Maya. *Poesia completa*. Bauru-SP: Astral Cultural, 2020 [1969].
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. *Ensaios Filosóficos*, vol. XIV, p. 9-18, 2016 [1970].
- EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*, Brasília, Ano I, n. 1, p. 52-57, 2005.

FREDERICO, Graziela. Lúcia Tormin Mollo e Paula Queiroz Dutra. Entrevista com Esmeralda Ribeiro: escrever é um ato de vida. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 51, p. 276-280, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Por um feminismo afrolatinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização Flavia Rios; Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LIMA, Livia. Um grande dia no Bixiga: escritoras negras organizam foto histórica. *Nós mulheres na periferia*. 04 Ago. 2022. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/um-grande-dia-no-bixiga-escritoras-negras-organizam-foto-historica/> Acesso em 12 Ago. 2022.

LISBOA, Ana Paula et al. *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

MARTINS CAVALCANTI, Maria Clara. Rompendo o silêncio do sufoco: A escrita de Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves nos Cadernos Negros (vol.8). *Zona Franca*. Revista del Centro de estudios Interdisciplinario sobre las Mujeres, y de la Maestría poder y sociedad desde la problemática de Género, n. 27, p. 61-86, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras – relações raciais, quilombos e movimentos*. In: RATTS, Alex (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. *Perspectivas femininas afro-brasileiras em Cadernos Negros (contos)*: Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves. Tese (Doutorado em Letras, História da Literatura). Universidade Federal do Rio Grande, Carreiros, 2016.

RIBEIRO, Esmeralda. Gerações com Esmeralda Ribeiro. In: CAMILLO, Plínio. Notas de escurecimento. *TV Matraca*, 27 Set. 2022. Duração: 1h28min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Su74LoaOZYM> Acesso em 27 Out. 2022.

_____. Sálubá. *Cadernos Negros*, vol. 29, São Paulo: Quilombhoje, 2006.

_____. Ressurgir das cinzas. *Cadernos Negros*, vol. 27, São Paulo: Quilombhoje, 2004.

_____. Olhar Negro. *Cadernos Negros*, vol. 17, São Paulo: Quilombhoje, 1994.

_____. Serão sempre as terras do Senhor? *Cadernos Negros*, vol. 17, São Paulo: Quilombhoje, 1994.

_____. *Cadernos Negros*, vol. 5. São Paulo: Ed. dos Autores, 1982.

SALES, Cristian Souza de. Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves: duas performances intelectuais afro-brasileiras reescrevendo o corpo. In: Anais do XIV Congresso Internacional ABRALIC. Belém: Universidade Federal do Pará, 2015.

SILVA, Denise Almeida. De epistemicídio, (in)visibilidade e narrativa: reflexões sobre a política de representação da identidade negra em *Cadernos Negros. Ilha do deserto*, n. 67, Florianópolis, p. 51-62, 2014.